

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. . 5090 »

N.^o 4 — VOL. II.

Sabbado 23 de Janeiro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Origem da palavra marechal — Casa de campo de lord Brougham, em Cannes — Uma erecção nos braços — Anacreonte, conclusão — Igreja de Santa Eugenia, em Paris — Pesca da sardinha — Apontamentos biographicos, o brigadeiro general Henry Havelock — José Felix Nogueira — Laval, vista da ponte velha — A tarde, entre a murta, continuação — Valor da pratica — Obituario.

GRAVURAS: — Casa de campo de lord Brougham, em Cannes — Igreja de Santa Eugenia, em Paris — O brigadeiro general Henry Havelock — Pesca da sardinha — Laval, vista da ponte velha — Luxuria.

Historia da actualidade.

Perdeu-se na barra do Rio Grande de S. Pedro do Sul, o brigue *Bolívar*, procedente de Bremen, com 58 dias de viagem, varios generos, e 66 colonos á consignação da casa commercial Claussen e Bertran.

— A enchente do Paraguay, segundo se dizia, era este anno comparavel á de 1823, a maior que tem havido.

— O Banco do Brasil elevou a taxa dos descontos na razão de 41 por cento, continuando o mesmo Banco a receber dinheiro a 9 por cento.

— Tambem o Banco rural e hypothecario do Rio de Janeiro elevou a taxa dos descontos; o das letras da Praça, e do Banco, será, d'ora em diante, de 41 por cento; o das cauções de 12, e o das hypothecas de 13 por cento.

— Vae em andamento no Brasil a subscrição para as victimas da febre amarella em Lisboa, promovida pelas quatro sociedades de beneficencia n'aquella córte.

— As noticias da India ingleza tornam-se de dia para dia mais tristes, porque não só os regimentos europeus vão experimentando a influencia do clima, como cada vez estão mais expostos ao fogo dos cypaes, que, infelizmente, reconquistam equal terreno ao perdido campalmente. Insurreccionaram-se novos regimentos indigenas. Sir Colin Campbell retirou-se da

frente de Luchnow. O general Windham foi derrotado pelo contingente de Gwalior.

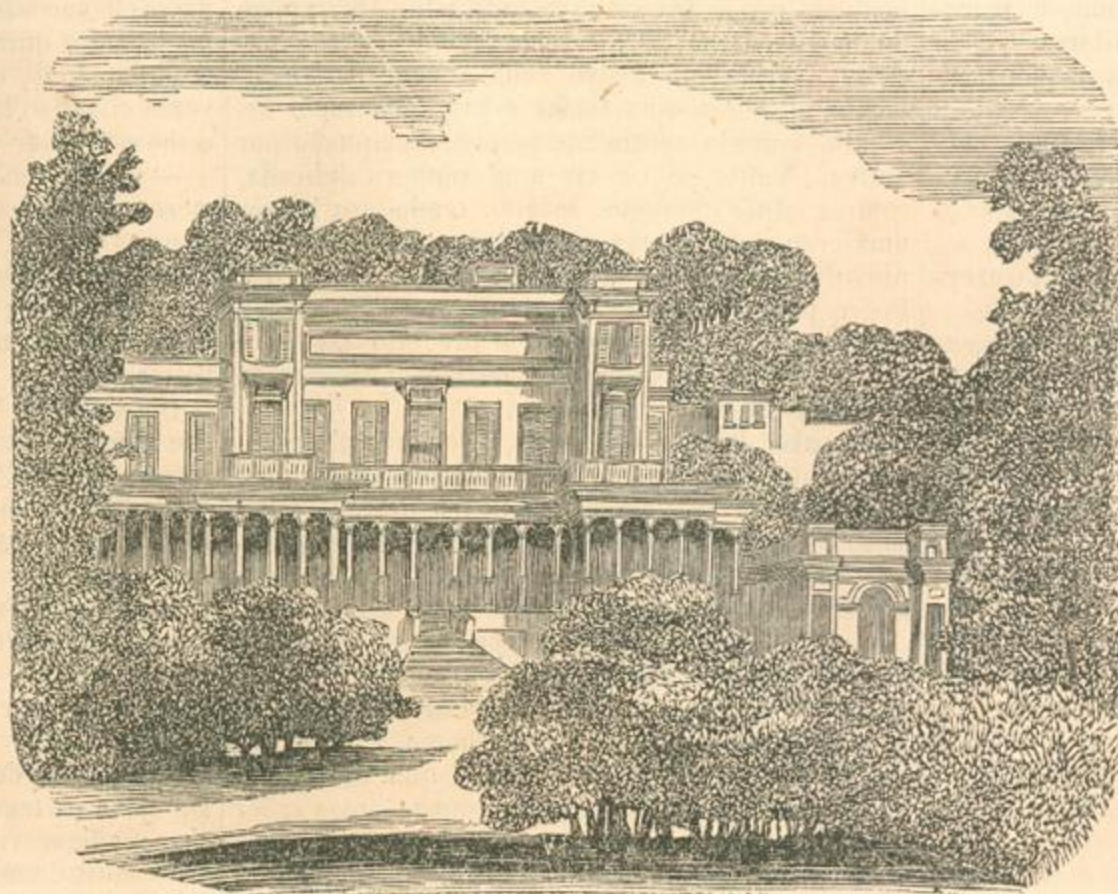
— De uma correspondencia de Cawnpore, extratamos os seguintes esclarecimentos sobre a retirada do general Windham. Foi enganado pelos espias, que lhe deram a força inimiga em numero de tres mil homens, quando se achava forte de vinte cinco mil. Avançaram destemidos os inglezes, quando a uma milha de marcha se desznascarou uma bateria, em forte posição, arrojando metralha, balas rasas e granadas, que despediam a morte em todas as direcções. Dada ordem para ser atacada, foram inuteis todos os esforços. Quatorze officiaes que marchavam com a força da vanguarda, caíram mortos e feridos. O general Wilson foi do numero dos primeiros na carga contra a artilheria inimiga.

— Apenas constou no reino de Oude a adhesão de Maung-Sing á causa dos insurgentes, sublevaram-se logo os pequenos taloukdards, que até então se haviam mostrado neutraes. Acresce a este

passo terem entregue ao inimigo os europeus a quem tinham dado asylo, escondendo-os nas suas proprias casas, de que se seguiu morrerem ás mãos dos indigenas.

— A tropa de sir Colin, bem como a guarnição de Luchnow, chegou a Allumbagh no dia 24 de Dezembro, sem o inimigo os inquietar. Apenas ali chegou o general Outram, falleceu Havelock, entrando-se hoje em duvida sobre a causa da sua morte. Tem aqui logar transcrever o seguinte trecho de uma autorisada correspondencia:

«Sir Colin saiu de Allumbagh para Cawnpore, deixando ali 3000 homens ás ordens do general Outram. A columna, com as mulheres, creanças, enfermos e feridos occupava o comprimento de oito milhas. A primeira marcha foi de quatorze milhas; e a segunda de trinta. Já as tropas, mortas de cansaço e fome, se dispunham a repouso, quando chegou a noticia de que o contingente de Gwalior atacara Cawnpore. Tocou no acampamento a deitar selas, e a artilheria e cavallaria marcharam sem demora para este ponto. O general Windham, que no dia 26, ao cabo d'um combate d' hora e meia, havia derrotado os insurgentes, e recolhido a Cawnpore, achava-se ali sem as precisas precauções, quando na manhã de 27 foi surpreendido. O regimento 64, achando-se sem apoio, foi envolvido, e teve de abandonar a artilheria de que se havia apossado. Os rebeldes, animados com esta victoria, queimaram o acampamento, que constava de tres mil barracas, e assim tambem as provisões; e avançando de noite sobre Cawnpore, lançaram fogo aos armazens. No dia seguinte atacaram os intrincheiramentos inglezes. Foi n'esta conjuntura que sir Colin accorreu. Não ha ainda exactos detalhes sobre o combate; consta porém que o inimigo soffreu grande perda, e fugiu em espantosa confusão, sendo perseguido pelo espaço de quatorze milhas, perdendo grande porção de artilheria, e de munições de guerra e boeca.»



Casa de campo de lord Brougham, em Cannes.

— Os funeraes do marechal Radetzky foram com grande solemnidade. O corpo do veterano austriaco, conduzido n'um carro funebre, adornado com bandeiras, escudos e armas, que se elevavam até á altura de um primeiro andar, escoltado por quarenta generaes, mil officiaes de todas as patentes, e a força militar de trinta mil homens, saiu de Milão para o caminho de ferro, onde embarcou na estação de Porta Tosa, ao funebre estrepito da artilheria que lhe rendeu as honras do estylo.

— Houve solemne *Te Deum* em todas as egrejas de Paris, em acção de graças de falhar a tentativa contra o imperador Napoleão III.

— Em Lisboa achamo-nos em plena crise ministerial. O motivo nasceu da questão que se agitou na camara electiva sobre a administração da justiça publica e judicial. Tambem entrou n'este capitulo a illustração do nosso clero. O ministerio por entender insignificante a maioria n'esta questão que se encabeçou em politica, pediu solidariamente a sua demissão. Não lhe sendo acceita, a crise terminou ao cabo de cinco dias, continuando o mesmo ministerio na gerencia dos negocios.

— Ha a mencionar a bella estação que temos gosado, não sendo proprio da epoca um ceo tão desassombrado de nuvens, e um sol tão limpido, se bem que o frio tem sido intenso, e desde o começo do mez as geadas são consecutivas. Talvez que a este estado da atmosphaera se devam attribuir as molestias que reinam, nas quaes predominam as congestões cerebraes.

— A autoridade civil do Porto apresentou nos tribunaes alguns logistas, por venderem aos dominhos e dias santos. O respectivo juiz condemnou-os nas penas da lei. Os reos appellaram para o tribunal da relação.

— Approvou-se sem discussão na camara dos pares o projecto de resposta ao discurso da corôa. Esperava-se grande debate n'esta occasião, mas a pressão em que estavam os espiritos pela crise ministerial, e sua resolução, foi a causa de nenhum dos oradores da camara tomar a palavra sobre este objecto.

— Tambem ha a registrar a fatal tendencia para o suicidio que n'estas ultimas semanas tem tido lugar.

Origem da palavra marechal.

Mark e *scal*, que são termos celtico e alemão, e que significavam *cavallo* e *senhor*, formaram o vocabulo que só explica *senhor do cavallo*.

Esta dignidade nos exercitos proveiu dos francezes. Nos tempos mais antigos d'aquella monarchia não passavam os militares que a tinham de serem ajudantes do condestavel, sendo este, como então era, o chefe das cavalharias reaes, cargo muito importante.

No anno de 1218 applicou-se o nome de marechal ao chefe supremo das forças militares, substituindo assim o grã-senescal, a cujo mando serviam.

No tempo de Luiz XIII deixou de haver o cargo de condestavel, que ainda era superior ao grã-senescal. Então foram as primeiras as espadas dos marechaes.

Era o encargo conduzirem a vanguarda do exercito.

A estatistica dos marechaes de França, é a seguinte:

No tempo de S. Luiz houve dois marechaes de França. Quando reinou Francisco I, tres. Durante o reinado de Henrique II houve quatro. No tempo de Francisco II, cinco. Reinando Carlos IX, sete; e com Henrique III, nove.

Passando á epoca dos Bourbons, veremos então que o numero dos marechaes não foi limitado. Em 1703 houve vinte.

Até ao tempo de Francisco I este cargo foi amovivel. O primeiro marechal de França, que teve o emprego vitalicio, foi Gaspar de Coligny-Chatillon, nomeado em 5 de Dezembro de 1546.

Filippe Valois determinou que vencessem quinhentas libras tornezas.

Sob este titulo rarisimas vezes se deu outro mais distincto. Era o de *marechal general de campo e exercitos reaes*. No tempo da antiga monarchia

franceza só tres o alcançaram:— o marechal Biron; Lesdiguières, que depois tambem foi condestavel; e Turenne.

Casa de campo de lord Brougham, em Cannes.

Lord Brougham, que viaja mais para estudar e apreciar o bello do que para se distrahir, mandou edificar em Cannes, pequena cidade da Provença, uma casa de campo que é a mais clara prova do que deixamos dito.

A escolha do logar, a apparencia e a distribuição interior d'essa agradável habitação, fazem honra ao apurado gosto do nobre lord. Esta casa é simultaneamente alegre como uma casa de campo de Italia, e elegante como um palacio, e o seu proprietario não se tem poupado para a tornar commoda, combinando o util e o agradável.

A nossa estampa, que representa essa linda residencia, dispensa-nos de mais ampla descripção; porque á primeira vista resalta o gosto e elegancia que presidiu á sua construcção.

Uma creança nos braços.

Pedro Dubrier, a quem todos os seus amigos chamavam o bom Pedro, resolveu partir para Dijon, a 28 de Janeiro de 1855, pelo trem das onze horas. Os amigos tinham-lhe dito:

— Devias tomar logar no trem directo. O frio é rigoroso, e, ainda que o vapor anda depressa, com todas as paradas, soffre-se por muito tempo.

Pedro, em resposta, mostrou o amplo capote. De mais, elle não era velho nem de saude delicada. Era, litteralmente, um homem de quarenta annos, a quem se não supporiam mais de trinta e cinco, com boa physionomia, e corpo um pouco robusto, mas agil; benevolente, ainda que naturalmente serio; e sempre occupado dos outros, inquietando-se pouco pelo proprio bem estar e achando tudo excellente para si. Tendo-se decidido pelo trem indirecto, tivera um pensamento reservado: queria tomar assento na terceira classe determinado principalmente, e quasi sem pensar n'isso, pelo sentimento penoso que experimentava quando se via mais bem accommodado do que os outros, porque se affligia de estar a seu gosto quando n'outra parte havia quem estivesse constringido e padecendo.

De mais, dizia elle comsigo, quando recebeu no escriptorio, com o bilhete, a demazia da peça de quarenta francos; isto fica melhor nas mãos de alguns necessitados do que na caixa de uma companhia rica.

Passeando na sala d'espera, via á roda de si multidão de povo, soldados, camponeses, mulheres e creanças, muitos embrulhos e cestos; mas nenhum receio lhe causava tudo isto. Abriram-se finalmente as portas, e toda a gente correu para as carruagens. Pedro andava com passo firme, e dispunha-se a tomar o primeiro logar devoluto, quando sentiu um pequeno empuxão por detraz. Voltou-se, e viu uma senhora delicada, com os olhos chorosos, magra, tendo nos braços uma creança de mama, e dando a mão a uma menina de quatro annos. Não é necessario dizer que Pedro pegou immediatamente na creança, ajudou a mãe a subir, entregou-lhe o precioso fardo, e encarregou-se de fazer andar lestamente á menina o caminho para a carruagem.

Ao cabo d'alguns segundos, a joven senhora estava sentada ao centro, no fundo, sua filha ao pé, o menino em seus braços, e Pedro defronte. Foi só então que este viu no braço da viajante um grande cesto, cheio de provisões, do qual se appressou a desembarçal-a pondo-o debaixo do banco.

— Não o trouxe muito tempo, disse ella; meu marido acaba de nos deixar.

E' um infortunio não se autorisarem os amigos, os parentes, os maridos e as mulheres, a seguir até ás carruagens o viajante querido, que vae entrar-se nas salas d'espera, sem que se possa saber como as coisas se passarão no momento essencial, e que companhia a mulher, a filha ou a irmã terá encontrado; sem ver afastar-se o vehiculo que transporta o que amamos, e sem que a mão nos

envie de longe as ultimas despedidas, tão tristes e meigas!

— Está ali, continuou a viajante; disse-me que esperaria ainda um momento, depois do signal, para ficar certo de que não fui demorada por qualquer accidente.

Apenas concluiu, ouviu-se o assovio solemne, e Pedro viu passar um ligeiro estremecimento pelo rosto, um pouco febril, da rapariga: para se distrahir, voltou-se para os filhos; recebeu as caricias da menina, e estreitou ao seio a creança adormecida. A' partida, houve um momento de silencio; e, sem duvida, mais d'uma invocação secreta áquelle que faz mover os astros nos espaços celestes. Mas, na terceira classe, o silencio não é de longa duração; cada qual travou em breve conversação com o seu visinho, e, particularmente, Pedro com a sua visinha. O seu primeiro cuidado foi saber o que faria do vasto capote, que não tinha necessidade de ter aos hombros, sufficientemente cobertos; e, para arranjar todos, propunha-se estendel-o sobre os joelhos dos seus visinhos. Com effeito, era tambem para elles que o tinha levado, e foi para muitos um supplemento salutar. Cada um conchegou-se como pôde; e Pedro velou principalmente para que as suas novas protegidas fossem bem accommodadas. A mãe tinha alguma tosse que parecia de cuidado. Elle soube em breve que a senhora, em razão da sua saude, ia fazer uma viagem e estabelecer residencia no Meio dia, sua patria; que tinha partido com tristes sentimentos e profundo desgosto, por causa de seu marido, e do negocio, que não prosperaria; que ia juntar-se a sua mãe em Marselha; que Paris era para ella e para seu marido logar de exilio e sofrimento. Finalmente a inquietação, o desgosto e a doença, acompanhavam esta rapariga em tão longa viagem, sem que tivesse uma criada ou parenta para cuidal-a.

— E levareis até lá este lindo menino nos braços? dizia-lhe Pedro.

— Não me cansa.

— Tende cuidado, senhora: d'aqui a Lyon é longe, e lá outras fadigas vos esperam, pois que a via ferrea não está ainda concluida. Deixae-me ajudar-vos um pouco. Vosso filho vae dormir: confiae-m'o alguns instantes.

Esta proposta fez sorrir um homem gordo, que estava perfectamente accommodado a um canto; mas Pedro não lhe prestou attenção, e fez tanto com as suas instancias que a mãe se deixou persuadir. A creança tão depressa a mudaram de braços começou a dormir profundamente, e este sono, que durou até ás portas de Dijon, foi excelente razão para Pedro recusar entregar o menino á mãe.

No decurso da viagem fez mais conhecimentos. A pequena Catharina tinha quasi incessantemente seus bellos olhos azues fixos sobre o homem que pegara em seu irmão. Disse a Pedro que o pequeno se chamava José, como seu pae, porque sua mamã assim o quizera. A mamã chamava-se Isabel. O outro José, o que ficara em Paris, foi muitas vezes citado e louvado ternamente pela senhora, como o melhor dos maridos e dos paes.

— Quero conhecê-lo, dizia Pedro, e, em seis mezes, quando voltar á capital, irei saber noticias vossas.

— Seis mezes, senhor? disse tristemente a delicada viajante; não tardeis tanto, se quereis tornar a ver-me em Paris, porque talvez... quando voltar...

Um doloroso olhar exprimiu o resto, que a pobre mãe não queria dizer diante de Catharina. Em poucas horas, Pedro pudera sentir profundamente que se José Donel inspirava justo amor, devia tambem experimental-o, e achar cruel a separação. Já tinham chegado á capital de Borgonha. Era preciso entregar o menino á mãe, e despedir-se d'ella; mas Pedro sabia o nome dos seus novos amigos, e dera o seu.

As impressões de viagem foram, em todo o tempo, assaz fugitivas: hoje são-no mais do que nunca. Entretanto Pedro não esqueceu a senhora Donel. Desejava e temia ao mesmo tempo ter noticias suas; affigurava-se-lhe que não poderia ter vivido muito tempo longe do marido; que teria voltado para esta cidade, tantas vezes fatal ás saudes delicadas, e os presentimentos concluíam de

maneira lugubre a sua melancolica distracção. Emfim, voltou a Paris no termo fixo. A rua onde morava Isabel Donel não ficava distante d'aquella em que se apeara: immediatamente depois da sua chegada, correu ali, com invencivel cuidado. O coração batia-lhe; os olhos tinham difficuldade em seguir os numeros, que lhe annunciavam a aproximação d'aquelle onde talvez o esperava cruel desgosto... Ainda duas ou tres casas!... Chegou, e sentiu-se afflicto quando viu uma loja fechada, e este letreiro: «Fechada por motivo de fallecimento.» Era ali; lá estava a taboleta de José Donel!

Pedro encostou-se á parede da frente. Um commerciante percebendo-lhe a inquietação, disse com sensibilidade:

— Conheceis, senhor?... Que desgraça, não é assim?... Apenas de volta!...

Pedro Dubrier não pôde ouvir mais. Estava oppresso.

— Quando será o funeral? disse elle ao commerciante.

— Amanhã ás onze horas.

— Obrigado.

Ferido no coração, retirou-se, fazendo as mais dolorosas reflexões.

— Os seus presentimentos não a enganaram! dizia consigo; e eu mesmo não tenho esperança.

No dia seguinte, ás onze horas em ponto, Pedro esperou, dentro d'uma sege, um pouco desviado da casa. Viu que esta morte commovera toda a vizinhança: as lojas fechavam-se. Chegavam outras seges; mas quando estiveram mais adiantados os preparativos funebres, nada mais observou, e metteu-se bem para o fundo da sege, que não tardou a pôr-se em movimento com o funebre cortejo.

Na egreja, não viu nada. Reconcentrou-se em si com amarga dôr; depois orou, chorou, e sentiu então esse intimo conforto que dá sempre aos afflictos a lembrança do ceo. No cemiterio tambem nada viu. Unicamente prometteu a si mesmo ir em breve chorar em segredo sobre o tumulo d'Isabel.

Ahi voltou no dia seguinte, não podendo comprehender a força dos seus desgostos por uma pessoa que encontrara de maneira tão fugitiva, e que talvez apenas o reconhecesse quando se lhe apresentasse em casa. Mas o coração tem mysterios inexplicaveis, vontades invenciveis. O que fazia com que Pedro presasse os sentimentos que conservava por esta amavel mulher, era o seu completo desinteresse; deplorava-a por seu marido e filhos. Não pensava em si: teria dado a vida para poder restituir Isabel a esses entes desolados.

Taes eram as reflexões que fazia junto do recente tumulo que de novo visitara. A noite aproximava-se; uma exhalação nebulosa subia dos modernos sepulchros, e involvia os objectos como em um veo ligeiro.

De repente Pedro Dubrier julgou ver aproximar, nas sombras do crepusculo, uma mulher vestida de lucto, apoiando-se em uma criada que trazia uma creança, conduzindo ella propria outra pela mão. Estas pessoas andaram na direcção do tumulo...

Certamente era parenta, talvez cunhada... Elle desviou-se um pouco, pois viu que a sua presença incommodava... Então a mulher vestida de lucto avançou a passos precipitados, prostrou-se e gritou com voz abafada: «José! José!...» E a menina, que ficara alguma coisa distante, correu e exclamou tambem: «Mãe, não te afflijas! está no ceo; assim m'o dissestes.»

Pedro Dubrier, cheio d'assombro, ficou um instante immovel; depois, agitado de inexprimivel perturbação, fugiu... Quando chegou á porta do cemiterio, tornou a si, e escondeu-se para ver passar aquella cuja morte deplorava, e cuja infelicidade devia agora lamentar. Mas, por muito desinteressada que fosse a sua affeição, um secreto prazer se misturava agora em seus pesares; e quando as mulheres e as creanças passaram junto d'elle, não sei que sentimentos oppostos de tristeza e alegria lhe opprimiram o coração.

Eis, dizia consigo, eis uma familia a quem me devo dedicar. Eis grandes deveres a cumprir! Não foi sem causa que a Providencia, em tão curta viagem, poz este menino nos meus braços. Bem sabia que seria um dia meu pupillo. Responderei ao convite de Deus!

Alguns dias depois, Dubrier escreveu á senhora Donel uma carta de pesames, e pediu licença para

visital-a. Esta respondeu-lhe, no mesmo dia, do modo mais affectuoso, e recebeu-o na sua modesta habitação. Não tornara ainda á loja. Pedro, já se vê, occultou-lhe cuidadosamente as particularidades que acabamos de contar. Não tinha sido visto no cemiterio. Participou delicadamente do sentimento da mulher e da solicitude da mãe.

— José esperava a vossa visita, senhor, disse Isabel. Oito dias antes da sua morte, tinhamos fallado a vosso respeito, e tel-o-hieis encontrado de perfeita saude. Tres dias bastaram para levar-o á sepultura. Tíhamos chegado da Provença, d'onde voltei curada, e elle promettera a minha mãe liquidar os nossos negocios para me tornar a levar.

Pedro comportou-se como bom e verdadeiro amigo, como homem delicado e generoso. Mostrou-se servicial: tornou-se util, indispensavel. José tinha sido energeticamente amado, era-o ainda; não obstante, passado mais d'um anno, a senhora Donel, perturbada pela difficuldade da sua posição e complicação de seus negocios, que exigiam os cuidados d'um homem habil e dedicado; enternecida pelo interesse paternal que Pedro tomava por seus filhos, ouviu, primeiro sem repugnancia, e depois com prazer, a proposta que Dubrier lhe fez para ser com effeito o pae de José e de Catharina. A senhora Donel mudou de appellido e deixou os vestidos de lucto. A liquidação está acabada, e os novos esposos dispostos a partir para a Provença, onde os espera a velha mãe de Isabel.

Anacreonte.

(Conclusão.)

VI

A philosophia, mediante uma ficção em extremo honrosa para a humanidade, considera como impossivel tudo que é contrario á moral. Parece esta asserção tanto mais digna de credito, quando se trata de factos, (não qualificaremos se são ou não verdadeiros) que apparecem como execraveis violações não só das leis da natureza, senão tambem das da moral.

Por honra do poeta, cujos apontamentos biographicos traçamos, quizeramos poder considerar como verdade immutavel esta hypothese tão digna da especie humana.

São além d'isso diversas e encontradas as opiniões emitidas em differentes epochas pelos escriptores que se teem occupado de Anacronte. Uns lançam-lhe em rosto os seus vicios; outros fallam com respeito dos seus costumes. Desde Platão até Voltaire, ou lhe chamam com Socrates — o mais sabio de todos os homens, ou com Ovidio — *vinus senex*.

Qual dos dois partidos tem razão? A qual se deve acreditar? Grave e digna de credito é a autoridade de Platão, de Socrates, de Atheneo e outros; mas é preciso reconhecer e confessar que são as suas mesmas odes quem accusa Anacreonte. O poeta não se limitou a cantar n'ellas as delicias do amor e do vinho; celebrou com demasido enthusiasmo, com muito fogo, a Smerdias, Megisto, Cleobulo e Bathilo, para que possa haver duvida sobre os seus gostos e inclinações.

Não obstante, desculpa-se estas com as inclinações, gostos e costumes do povo e da epocha em que viveu, e devemos concordar em que não seria justo condemnar em Anacreonte um vicio que a religião grega em certo modo consagrava. Anacreonte como Horacio, como Sapho, e outros poetas gregos e latinos devem ser julgados, não com relação ás nossas idéas, mas ás opiniões e creanças dos tempos em que viveram. Fundada assim, a critica achal-os-ha dignos, senão de completa absolvição, ao menos de indulgencia apesar de seus vicios e erros; e justa e equitativa sempre na apreciação das suas obras, recommendal-as-ha sem descanso senão como preceitos de moral, como modelos inapreciaveis de simplicidade, graça e poesia.

VII

O mysterio que envolve a origem de Anacreonte comprehende tambem o seu sepulchro. Planeta sem oriente nem occaso, só nos é dado admiral-o no esplendor do seu curso. Referem alguns dos seus chronistas que morreu suffocado com um bago de uva aos oitenta e quatro ou oitenta e cinco annos de idade. Similhante morte no cantos dos prazeres produzidos pela embriaguez do amor ou do vinho, seria como o emblema dos seus gostos e inclinações.

eram então os povos agradecidos áquelles homens que exaltavam a patria, que lhes dera o ser, com seus feitos ou com suas producções; a lembrança d'elles era sagrada para os seus concidadãos, guardada com desvelo pelos amigos e parentes, cantados os seus louvores nas festas publicas, e adornadas as cidades com as suas estatuas. Teos, a patria do poeta, honrou a parte de gloria que Anacreonte lhe alcançara, erigindo-lhe uma que foi collocada ao lado das de Xantipo e Pericles. Assim aquelle povo illustrado pôde, por largo tempo, abraçar n'um volver d'olhos os seus heroes nas armas, na politica e nas letras.

Circula uma versão entre os commentadores do poeta grego sobre os amores d'este e Sapho; mas similhante invenção é um anachronismo historico que nada tem de verdadeiro. Hermesianax e Camaleon não tem, nem gosam de autoridade sufficiente para sustentar um factos que os mais celebres criticos consideram completamente inverosimil.

VIII

Se é impossivel fazer uma biographia minuciosa de Anacreonte, ainda mais impossivel é traçar um retrato exacto e parecido. Os monumentos antigos, que chegaram aos nossos dias, só dão imperfeita e incompleta idéa da physionomia e rasgos mais característicos do cantor de Teos. E porventura não vale mais tambem deixar livre a imaginação para que á sua vontade finja o rosto e figura do poeta? Dominada pela impressão que n'ella produz a leitura das suas odes, inventará feições e rasgos talvez oppostos no todo aos que lhe deu a natureza, mas tambem mais agradaveis e apropriados á idéa que d'elle se tenha formado.

Comtudo, para os que desejam antes de tudo a verdade historica, citaremos alguns dos monumentos ou fontes historicas em que se julgou ver o retrato d'este celebre poeta.

Na *Descripção das medalhas de Ursino*, Lefevre falla de uma cabeça gravada em uma coralina que supõe seria posta em um anel por algum admirador de Anacreonte.

Na *Iconographia* de Canini ha uma formosa cabeça do poeta gravada conforme uma medalha grega, em volta da qual, escripta em idioma hellenico, se lê a palavra *Teos*.

A bibliotheca imperial de Paris possui uma medalha que Visconti em sua *Iconographia grega* explica d'este modo: «Cabeça de Neptuno de perfil; o golfinho e o tridente que ha no averso da medalha caracterizam este deus. Teos era cidade maritima; a inscripção do reverso diz: *Sendo pretor Tiberius Pepon*. Vê-se ali um poeta com longa barba, e tocando a lyra. Esta imagem, ainda que sem inscripção, é, sem duvida, a do poeta de Teos.»

Podíamos citar ainda outros monumentos d'esta especie, mas remetteremos quem queira adquirir mais noticias sobre isto para a *Descripção das medalhas de Teos*, publicada, segundo um manuscrito inedito, por mr. d'Attel de Lutange na sua traducção das odes de Anacreonte.

Egreja de santa Eugenia, em Paris.

Não é de longa data este edificio. Tão moderna vae a sua construcção, que não passa do anno findo. Comtudo, mr. Boileau, seu architecto, quiz reunir n'este templo as tradições da arte ogival com os materiaes que a idade media não usava empregar.

É opinião d'este architecto ser a arte ogival a unica que se casa com a mysticidade dos monumentos religiosos; e que a renascença quando tomou força e vigor não fez mais do que deter-lhe o desinvolvimento, sendo para sentir que os grandes artistas d'aquelle tempo não tivessem á sua disposição os poderosos elementos que hoje se empregam n'estas obras monumentaes.

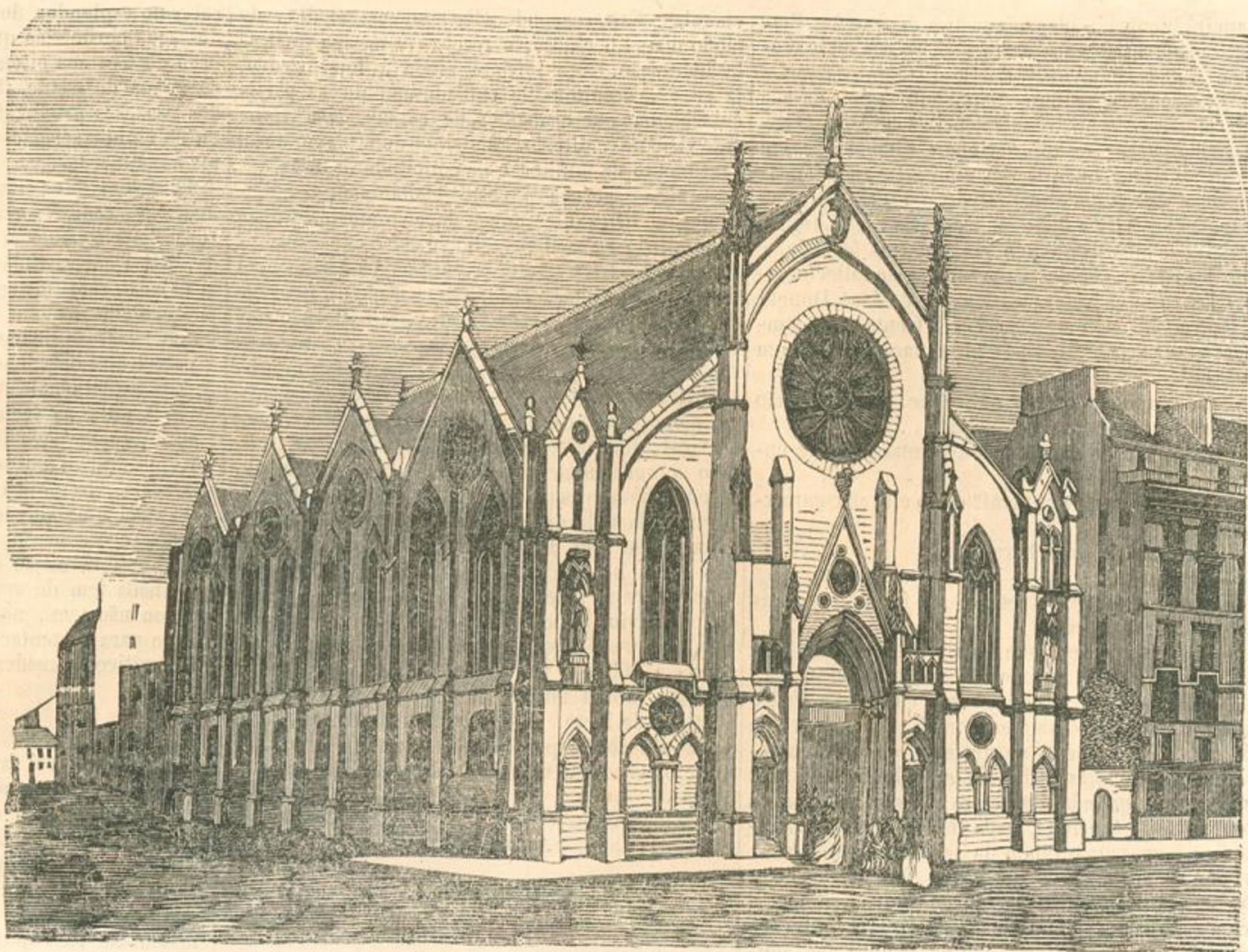
Não é, comtudo, a primeira vez, que se usa a

fundição nos edificios gothicos; mas é certo tambem que só a mr. Boileau cabe a honra de a haver empregado em tão larga escala. Até hoje sómente se usara d'ella nas restaurações, e com especialidade em Rouen, com bastante desgosto dos archeologos e artistas.

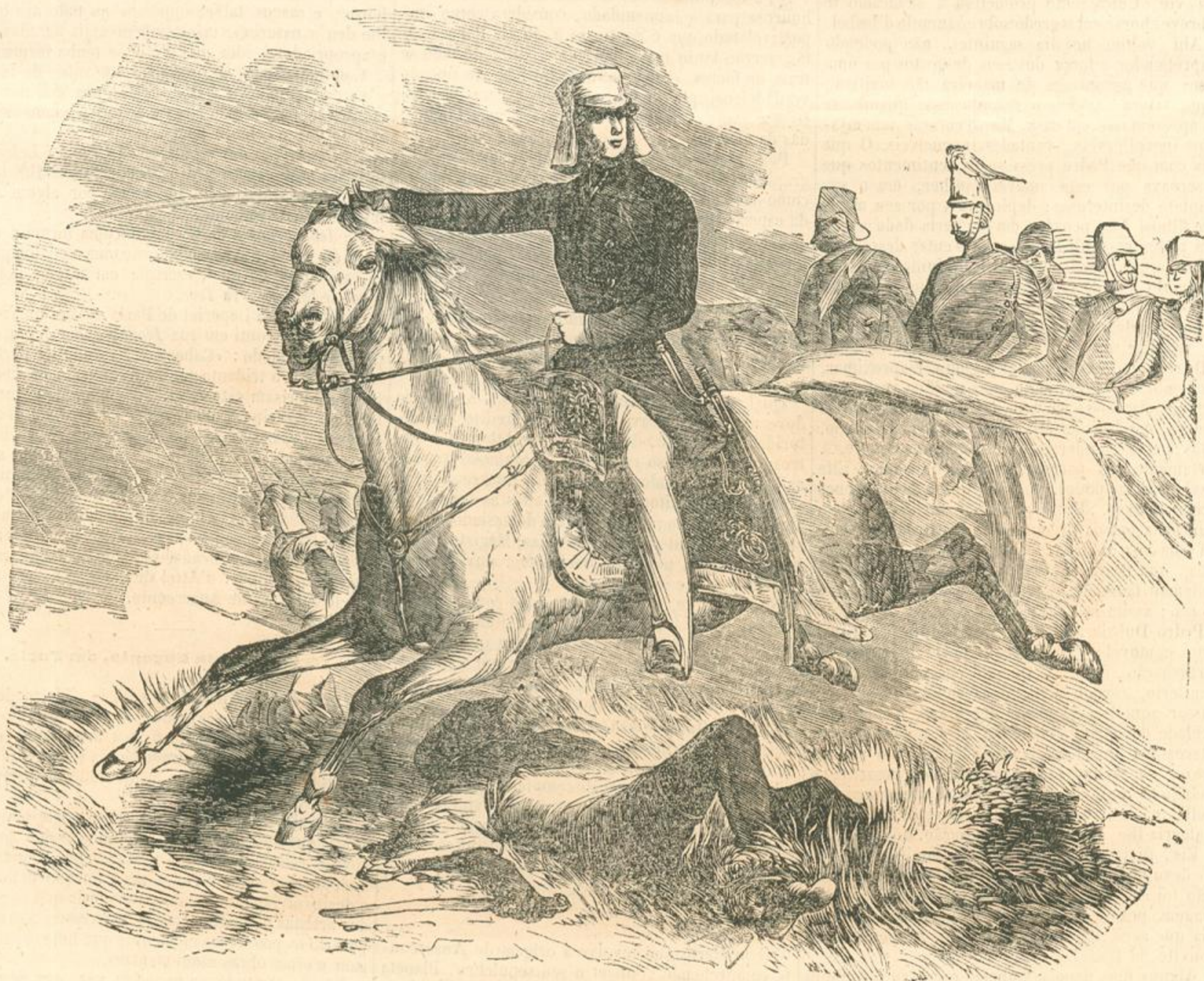
Na Belgica é bastante usado este meio. No edificio da bolsa d'Anvers empregou-se modernamente no tecto, que é fundido, e de vidro, sendo o edificio do seculo xv.

A gravura que apresentamos hoje dispensa mais ampla descripção da igreja de Santa Eugenia, sendo externamente fabricada com pedra de cantaria lavrada, e no interior quasi toda fundida, bem como os enlacements das suas janelas ogivales.

O interior está dividido longitudinalmente em tres naves, uma — a do centro — é a principal. As outras duas são as lateraes; porém separadas todas tres por pilares fundidos, sobre os quaes descansam duas abobadas em ogiva.



Egreja de Santa Eugenia, em Paris.

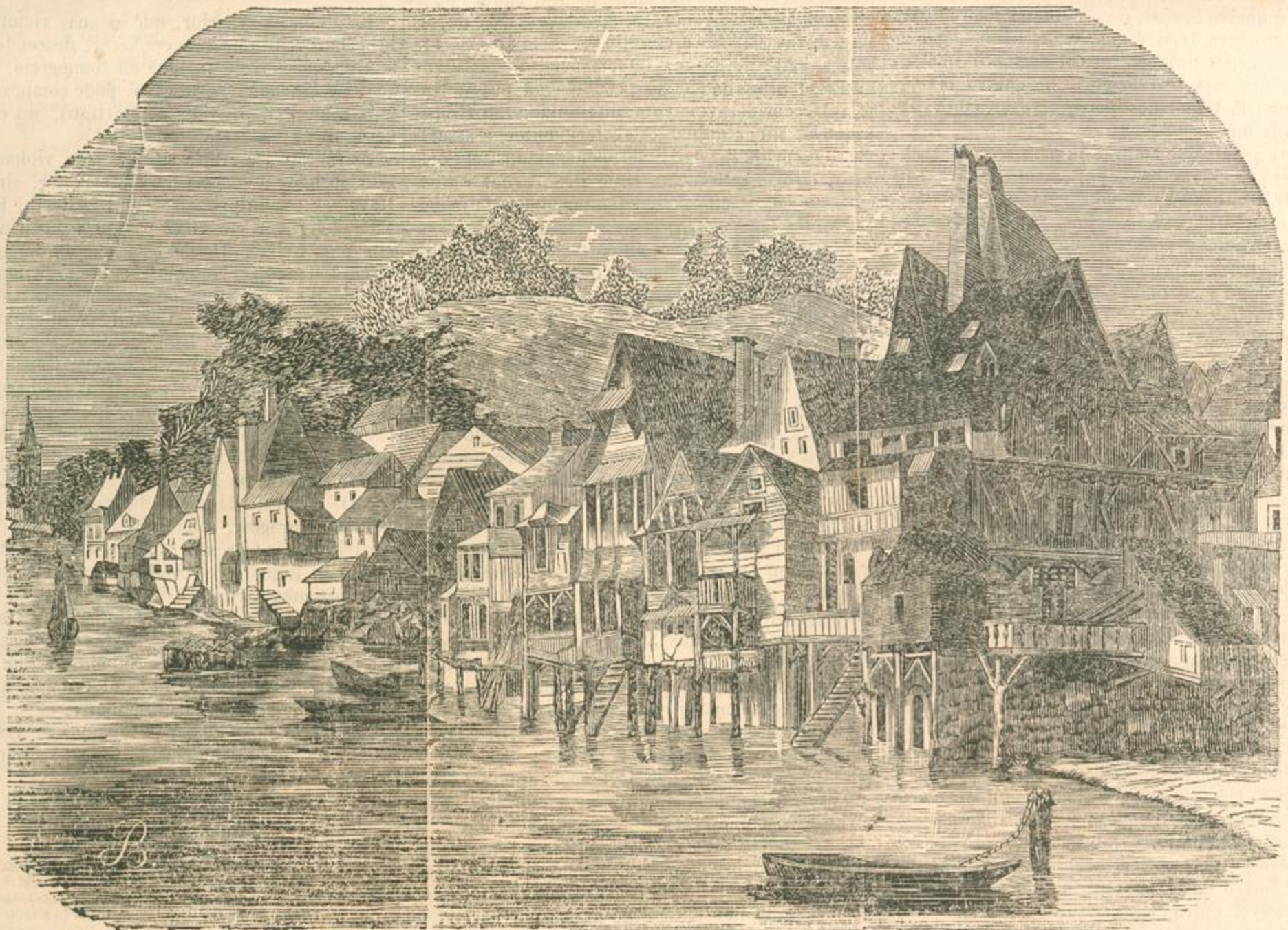


O brigadeiro general Henry Havelock.

A abobada da nave principal é, como em todos os templos gothicos, mais elevada que as lateraes, não sendo comtudo estas, relativamente, tão baixas como nos templos da edade media. Assim comprehendeu mr. Boileau que um novo systema de construcção tambem carecia de novas proporções. Os architectos do seculo xv lidavam por dar á abobada da grande nave a maior elevação possível, bem como á do côro, sendo por esse motivo obrigados a fazer mais baixas as collateraes. Era isto uma necessidade de construcção, empregando-se, como se empregavam, pedras de cantaria. E, comtudo, d'esta mesma necessidade nasciam excellentes effeitos opticos; porque sendo, como eram, a nave principal e o côro inundados de luz, engrandecia-se ainda mais pelo contraste que offereciam com as collateraes, sempre mergulhadas em meia claridade, incerta e vaga. Duplicavam esta magia os feixes de pilares que então se construíam. Na moderna igreja substituiu-os mr. Boileau por colum-



Pesca da sardinha.



Laval — Vista da ponte velha.

nas fundidas. Sendo isto logico, prejudica comtudo á poesia de semelhantes edificios.

O côro não é de feição redonda, mas em linha recta. De cada lado do altar ha um nicho, contendo o da direita a estatua da Virgem, e o da esquerda, a do Redemptor.

Nos extremos das naves ha duas capellas, uma para os casamentos, e outra para os baptismos.

Esta igreja, ainda que pequena, pode conter milhares de pessoas. A meia altura das pilastras que sustentam a abobada lateral ha uma vasta galeria.

O interior do templo é pintado e doirado. A igreja é alumada por janellas com vidraças pintadas. Representam os seus vidros scenas da Paixão, que servem de quadros marcando as estações do calvario. Por estes vidros entra na igreja uma luz limpida, apesar de colorida.

Tambem tem um pulpito de madeira entalhada, de excellente estylo, e magnifica execução.

Pesca da sardinha.

Linneo designou a sardinha com o nome de *clupea sprattus*, e Cuvier classificou-a na quinta ordem dos peixes—os malocopterygianos abdominaes. É pequeno, de dois a tres centímetros de largura, e onze a dezesseis de comprimento, com o corpo chato, tendo escamas azuladas no lombo, e prateadas no ventre, com a cabeça grande, a mandíbula inferior saliente e recurvada, e as barbatanas pardas e curtas.

A opinião geralmente admittida, e que parece confirmada por longas observações, é que a sardinha estancia nas grandes profundidades ao longo das costas, não se aproximando d'estas senão no principio do desovamento. Esta epoca, no litoral oceanico da França, começa em Maio e acaba em Outubro ou Novembro. Aqui vamos descrever a sua pesca n'esta parte da Europa.

As costas da *Bretanha*, *Belle-ile-en-mer*, *Croisic*, *Douarnenez* são os principaes sitios d'esta industria. Tem forma particular os barcos que se empregam n'ella, geralmente aparelhados com uma pequena mezena na prôa, e vela grande na ré. Levam doze a vinte redes, de comprimento de vinte a vinte e quatro braças, de diferentes malhas para a varia grossura da sardinha. Estes barcos, que as modernas estatisticas orçam em dois mil quatrocentos e dezesseis, são do porte de quatro toneladas, e andam tripulados por quatro ou cinco homens cada um.

Varios agentes se empregam para isca, despendiosos os principaes, como por exemplo as ovas salgadas de bacalhau. A pesca dura por seis a sete mezes, chegando poucas vezes a meados de Dezembro; mas o geral é terminar em Outubro. É n'esta quadra que reina prodigiosa actividade em todos os pontos do litoral onde a pesca constitue o principal recurso dos habitantes. Homens e mulheres atulham os armazens, o porto, e os barcos que apparellham ao alvorecer, e desfraldam velas a percorrer a bahia em todas as direcções. Lançam as redes, e n'esse momento a equipagem, desbarretando-se, persigna-se com agua benta, e reza o *padrenosso*. Principia: na popa do barco deixam cair perpendicularmente a rede, cuja borda superior fica fluctuando com boias de cortiça, e esticada na parte inferior pelo peso do chumbo que se lhe prende. Dois homens da tripulação nadam para a frente, de sorte que sustentem o barco de encontro ao vento, de modo que a rede fique no logar da quilha. O patrão, posto de pé na popa, na plataforma do barco, distribue a isca pelos dois lados da rede. Atrahida assim a sardinha accorre tentando penetral-a, mette a cabeça pelas malhas, e fica presa, porque a grossura do corpo não a deixa passar, e se pretende retirar-se, os fios da rede embaraçam-se-lhe e não a deixam livre. Quando o patrão julga sufficiente a quantidade de peixe emmalhado, aquelles dois homens que acima dissemos nadam a conduzir a rede para a embarcação, d'onde a içam ficando as boias á popa, e o chumbo á prôa. Succede sempre durante esta operação desprender-se alguma sardinha que torna a cair n'agua, mas para perder o menos pescado possivel, outro homem da companhia recolhe-as n'uma pequena rede aberta. Dentro do barco desmalha-se o peixe, e a pesca ordinaria d'um dia é de tres a cinco mil sardinhas. Ha exemplos de se

apanhar de vinte e cinco a trinta mil. Acabada a jornada regressam ao porto, e occupam-se então da venda.

Parte d'esta é feita no mesmo logar da pesca aos barcos de cabotagem que a transportam para o litoral entre *Nantes*, a *Rochella*, e *Bordeaux*, d'onde penetra no interior do paiz por uma immensidade de vias intermediarias. Estes sardineiros pertencem, geralmente, á ilha de *Groix*, e ao *Morbihan*. Não são elles os unicos que compram e vendem a sardinha fresca. Consideravel numero de revendões esperam á entrada do porto os barcos que não venderam no mar, apoderam-se da carregação, atulham carroças, carregam-na em cavallos, ou á cabeça, e vão sem demora dessiminar a sardinha a distancia de duas e tres jornadas. No livro intitulado: *Observações sobre a pesca da sardinha na Bretanha*, calculam-se trinta milhões de sardinhas as que annualmente se consomem por este commercio de terra. Este numero, a razão de quinze francos, e mais, por milheiro, faz suppor uma circulação de fundos de perto de meio milhão.

Aquella animada scena da manhã, que acima descrevemos, está longe de se assimilar á da tarde. Chegam as embarcações; amarram-se ao caes; recolhem-se as redes para as enxugar; regateia-se a venda; a sardinha conta-se e arremata-se por *lanços*, á claridade pallida de uma lanterna fixa na popa; os compradores levantam o genero e carregam; as tabernas enchem-se d'uma multidão de bebedores incessantemente renovados, porque cada incidente da pesca traz logo o consumo de mais uma canada de vinho, costume invariavel entre os pescadores. A pesca rendeu dez francos brutos? uma canada de vinho. Compra-se um barril de ovas de bacalhau para isca? uma canada de vinho. Lava-se o barco? uma canada de vinho por conta do armador. Uma canada quando se iça o pavilhão: outra canada quando se faz a venda etc. Por tanto, de canada em canada, os dois mil quatrocentos e dezesseis barcos empregados na pesca da sardinha podem consumir, quer em bom quer em mau anno, 1780000 litros d'este liquido (712000 francos a razão de quarenta centimos o litro). Note-se que este natural consumo de vinho não impede o extraordinario da aguardente, genebra, rhum etc.

Apoz aquellas vendas já apontadas vem depois a sardinha salgada e empilhada. Este negocio era antigamente de grande importancia, e quasi que absorvia a totalidade do producto da pesca. Hoje está consideravelmente diminuido. Em *Croisic* havia ha annos quinze estabelecimentos, e actualmente nem um só; existindo apenas alguns em *Port-Luis*, *Groix*, e *Belle-ile*. Hoje *Douarnenez* e *Concarneau* são os unicos dois pontos onde esta industria ainda florece.

A primeira operação, antes de levar a sardinha aos armazens onde se lhe extrah o azeite, consiste em laval-a, mergulhando consecutivamente no mar os cestos que a contém. Depois de a lavar assim do sangue, e das escamas, salpicam-na com sal. Em seguida deitam-na em barricadas cobrindo cada camada de sardinhas com outra de sal. Deixa-se assim pelo menos quinze dias, e muitas vezes um anno, na salmoura que o sal faz derretendo-se ao cabo de vinte e quatro horas. Quando se quer levar-a á prensa, lavam-na da salmoura, deitam-na em camadas circulares nos barris collocados n'um tanque de pedra furado ao meio, e na extremidade do qual ha um reservatorio para receber a agua e o azeite. Folhas de papel pardo, ou de figueira cobrem a camada superior; por cima d'ellas assentam um tampo com travessões para supportarem a barra da prensa, cujo systema varia segundo as officinas e localidades. Espalmado assim o peixe, livre da agua e azeite que continha, fica firme e secco, e bom para o commercio e consumo.

No começo do anno de 1854, o numero de prensas que havia na *Bretanha* era de trezentas cincoenta e cinco. Receberam no decurso do anno de 1853, 5474415 kilog. de peixe, representando 218976400 sardinhas, cuja salga empregou 3918699 kilog. de sal. Contendo cada barril, termo medio, tres mil sardinhas, fabricaram-se 72992 barris de oitenta kilog. peso total de 5839360 kilog. bruto, e tendo fornecido tres kilog. de azeite por barril, ou 218976 kilog. na totalidade. Em 1853 não se exportaram mais de 107381 kilog. de sardinhas espalmadas, formando quasi mil duzentos sessenta

e tres barris, no valor de trinta a quarenta mil francos. O consumo interno absorvera o resto.

Finalmente a pesca da sardinha originou uma industria, havia muito tempo conhecida, mas pouco adoptada, por causa da imperfeição do processo, que porém hoje tomou grande incremento, graças aos esforços de mr. Colin, de *Nantes*. Falamos da conservação da sardinha em azeite. Eis o processo:

Contada a sardinha, sacudida da escama, e lavada no mar, cobre-se levemente de sal. Horas depois, são mulheres que se empregam em arrancar-lhe a cabeça e os intestinos, e lava-se outra vez o peixe, estende-se ao sol, ou a uma corrente de ar dentro da officina sobre grelhas de ferro; passa-se por azeite a ferver, deixa-se escorrer, e acama-se em latas.

Cheias ellas, postas sobre taboleiros untados de azeite, e soldadas depois pelos funileiros, collocam-se sobre aparelhos de ebulição; e finalmente contam-se, põe-se-lhe etiquetas, e arrumam-se nos caixotes para a expedição commercial.

A cabeça e intestinos tirados á sardinha não se perdem, porque se guardam cuidadosamente para a agricultura, pois é excellente estrume.

Nas costas da *Bretanha* ha hoje trinta e quatro fabricas em que se conserva a sardinha por este processo. Em 1850, a produção subiu a tres milhões de latas de vinte a vinte e duas sardinhas. Chegara a seis milhões de latas em 1851 a 1852; oito milhões em 1853; e dez milhões em 1854. A exportação, que não fóra mais de 360596 kilog. em 1848, e em 1849 de 550104 kilog. subiu em 1853 a 2272763 kilog. Empregou-se no fabrico, em 1854, 855462 kilog. de sal.

Resulta dos calculos estabelecidos depois do anno de 1854 que, feita a recapitulação do producto da pesca, materias empregadas, mão d'obra, despesas de transporte, armazenagem, commissões etc. a industria da pesca da sardinha poz em circulação um capital que excede a trinta e cinco milhões de francos, ou 7000:000\$000 rs.

Apontamentos biographicos.

O BRIGADEIRO GÉNERAL HENRY HAVELOCK.

Este official superior, que as suas victorias sobre Nana-Sahib fizeram conhecer, descende d'uma familia que deve a fortuna ao commercio. Graças ao exito das suas especulações, pôde comprar a coutada d'Ingress, proxima de Dartford, no condado de Kent.

Atrahido á carreira militar pela violencia dos seus gostos e a energia de seu caracter, sir Henry Havelock serviu primeiro em Inglaterra, Escossia e Irlanda; e só em 1822 passou a servir no exercito das Indias. Desde esta epoca, tomou parte em todas as guerras que o exercito britanico tem sustentado n'estas longinquas plagas. Distinguiu-se particularmente na do Caboul; a intrepidez que desinvolveu nas tres batalhas de Sutle grangeou-lhe a benevolente protecção de lord Harding. Cada um dos seus postos foi o preço d'uma acção brilhante. Foi collocado á frente d'um dos corpos de exercito que, no tempo da guerra da Persia, occuparam uma das ilhas do golpho persico, e foram desembarcados na foz do Tigre e do Euphrates.

O general Havelock fizera-se sempre notar pela sua coragem, e não obstante, acaso extraordinario e feliz! na sua carreira militar já tão longa, nos numerosos combates em que não deixou de tomar parte ha trinta e seis annos, não recebeu uma unica ferida. Nenhum official superior arrostou comtudo o perigo com mais audacia. Tinha adoptado uma expressão de Napoleão I, que repetia sem cessar com resoluta graça: « A bala que deve matar-me não está ainda fundida. »

Acaba de succumbir, não sabemos se a enfermidade: as ultimas noticias deixam suspeitar ácerca d'esta morte.

JOSÉ FELIX NOGUEIRA.

« Não turbemos com pranto o somno ao camarada,
Nas campanhas da luz constante até ao fim.
Honra ao que só na tenda embainhou a espada!
Gloria ao que espera c'roa ao tocar do clarim!»
CASTILHO — Vela funebre.

É doloroso perder para sempre aquelle, com quem intimamente se conviveu, e era ainda hontem vida

esperanças, para não ser já hoje senão cadaver! Sem fascinação da amizade nem da dôr, desabafemos a angustia n'algumas palavras, poucas mas verdadeiras, sinceras e nascidas do coração.

Na madrugada de 23 de Janeiro, sem nenhum precursor, sem nenhum aviso de padecimentos conhecidos, José Felix Nogueira, na idade de trinta e tres annos, succumbiu ao assalto repentino d'uma hemorragia instantaneamente fatal.

E uma grande perda para o carinho materno! Unico filho, mais velho que tres irmãos, que em annos proximos a morte ceifou, ahí ficam inconsolaveis a mãe e o tio que o estremeciam, e lhe zelavam avultado patrimonio.

É uma grande perda para os amigos! Leal, circumspecto na escolha das suas relações, se não teve muitos mais, foi porque a sua austeridade a poucos era accessivel até esse ponto.

E' uma perda ainda maior para o paiz! Toda a sua vida viril não sentiu no coração senão o fogo do amor patrio, e pode desafiar-se o mundo a que apresente exemplo de homem politico de melhores intenções. Se não tinha uma gloriosa historia, conhecida de todos, tinha-a conhecida dos que o tratavam de perto e o acompanhavam nas lides do estudo social, da revolução, e da imprensa.

Tantas locubrações, tanta lição de viagens, tanta constancia de trabalhos, se tudo findou com a morte, não deve ao menos ficar perdido para a sociedade, porque honrando-se o legado politico, e a memoria de Nogueira consagram-se grandes e magnanimas idéas, grandes e proveitosos exemplos.

Indefesso no estudo, assiduissimo no trabalho, como se a necessidade o condemnasse rigorosamente a elle, não procurava senão o meio de ser util á patria, e collaborar com acerto na obra da sua liberdade, e civilização. Inquebrantavel em procurar remedio á dôr de muitos, não visava senão á resolução pratica e local dos altos problemas propostos pelas sociedades modernas, a bem da humanidade solidaria.

E porque o não diremos? Diante d'um cadaver não ha que ter dissimulações nem ambages. Felizmente, aqui, n'este tempo, e n'esta terra, não ha confissões defesas, nem convicções patrióticas que envergonhem. Nogueira era democrata, mas d'essa democracia d'amor, de perdão, de justiça, tão pouco apreciada, tão deslealmente involvida em anathemas, que só outra ordem de idéas e de factos pode merecer. Os principios de liberdade, igualdade, e fraternidade encontraram-no sempre na vanguarda da defesa. Quando tantas côres vivazes, e provocadoras desbotaram, as da sua bandeira não só permaneceram as mesmas, mas pareciam fixar-se e brilhar de mais em mais.

É admiravel como em tempo em que tão pouco se estuda e escreve sobre organização e administração publica; quando a geração nova, geralmente impaciente, preocupada de mais com a sorte pessoal, se consome menos com a do paiz, do que com as negociações de instavel politica, por cujos caminhos tortuosos se chega a satisfazer uma vaidade mesquinha, ou uma ambição illegitima, sem respeito a idéas, sem consideração a publicos compromissos; — é admiravel como Nogueira atravessou uma epoca de grande provação para muitos homens e muitos principios; epoca em que os animos se enfraqueceram no circulo vicioso de estereis controversias; não indifferente á sorte das coisas e á aberração dos homens, mas superior a ellas, e continuando inabalavel a laboração das suas idéas, ou melhor das idéas que são da sciencia, e que já, porventura, distinguem um partido do futuro.

Independente pelos meios, e ainda mais pelo caracter, estudioso, pensador, escriptor com dotes bem pronunciados, e sobretudo liberal sincero, patriota ardente, democrata racional, pratico, conciliador, Nogueira era um dos poucos talentos, conhecidos agora, que se tem pronunciado abertamente no sentido e aptidão organisadora. Philosopho, sem desgarrar-se de todo nas regiões especulativas, sabia revestir á idéa a forma, e se havia que estranhar nas suas vistas do todo e das partes, era ver todos os pormenores, comprehendel-os todos, descer aos minimos, sem quasi deixar que fazer aos outros, porque a sua meditação prevenia tudo, aplanava tudo, formalisava tudo.

Constante, mas não intratavel nos seus principios politicos, foi sempre fiel á revolução europea,

cujos alto credo lhe serviu de primeira inspiração. Não renegou, como quasi todos o verbo, quando a adversidade veio aquilatar as crenças. Firme e de pé, ahí o vimos muitos annos, sacerdote quasi unico d'um culto que as circunstancias de tempo e de logar pouco afervoravam; guarda intrepido do fogo sagrado, em que mais tarde deve accender-se a luz, que alumiará egualmente grandes e pequenos, gregos e troyanos.

Nogueira foi sempre o mesmo homem liberal de 1848, que a ninguem quiz mal, que a ninguem odiou, e que por isso ninguem pode mal-querer ou odiar. A sua vocação foi bem conhecida de muitos, e melhor o seria se n'esta terra se lesse, se houvesse instrução popular, e se, até á ultima classe social, chegasse o interesse e enthusiasmo pelas coisas publicas.

Em 1851 propondo-se candidato a deputado, procedeu como homem de idéas, como homem de sciencia e consciencia, incoherivel a toda a força estranha á razão. A sua pessoa, e o seu programma sujeitou-os á discussão publica. No circulo de Alemquer foi vencido n'uma segunda votação do collegio, mas por modos que glorificaram o seu caracter, e acrescentaram mais uma feição ás inconsequencias e escandalos electoraes. E' uma historia bem curiosa, e que pode passar como modelo do genero, essa da frustrada candidatura de Nogueira!

Nos seus *Estudos sobre a Reforma em Portugal*, poz ao alcance de todas as intelligencias as mais importantes questões de economia e administração. Se nem em tudo a *Reforma* attingia ser immediatamente pratica, todas as indicações eram ao menos patrióticas, e muitas d'ellas instantes e dignas de consideração e exito prompto.

Os seus *Almanaks democraticos*, são uma curiosa e instructiva collecção, que na parte doutrinal bem pode considerar-se como commentario á *Reforma*.

Os seus *Almanaks do cultivador*, eram já, e com o tempo mais viriam a ser, grandes meios á propagação das luzes pelos campos.

A parte que Nogueira teve na redacção do jornal politico o *Progresso*, foi para elle de grande lustre.

As suas *Recordações de viagem*, de que ahí ficam tombados alguns capitulos nas columnas do *Archivo Pittoresco*, mostram sobejamente o espirito de social observação que o guiou pela Inglaterra, França, Belgica, Alemanha, e Hespanha. Peregrinou menos para gosar o que podia, do que para estudar o que convinha aos seus principios, e ao regimen portuguez.

Partidario das instituições municipaes, com a força, independencia, e iniciativa rasgada que se lhe afigurava que deviam ter, para serem remedio energico aos desconcertos da nossa administração, estudando e architectando, n'um livro de valia, o municipio n'uma escala de rasoavel grandeza e autonomia — « não se deixou (como elle mesmo confessa na sua obra *O municipio no seculo XIX*) arrastar pelas exagerações de systema. . . pelo contrario, procurou reunir e conciliar o que ha de bom e pratico nas duas escolas administrativas, que hoje dividem os publicistas, e regem mais ou menos exclusivamente as grandes nações. . . pediu á centralização a sua força, a sua unidade e a sua harmonia — e á descentralização a sua independencia, o seu individualismo e a sua virtude. Feito isto, combinados estes elementos á primeira vista rivaes. . . dividiu as tarefas do serviço publico, deixando ao logar, ao municipio e ao estado a parte que naturalmente lhes toca. »

Não lhe foram desconhecidas, nem elle as dissimulou, as opposições, que interesses de campanario, e de governos compressores e centralisadores, fariam naturalmente á idéa do novo concelho, liberalmente constituido, poderosamente iniciado, amplamente desinvolvido na sua influencia e demarcação. Nada porém deixou de ser conveniente e satisfatoriamente pulverisado pelo energico defensor das instituições municipaes.

Demoramo-nos mais na menção d'este livro por ser a sua publicação mais recente, e porventura a de maior e mais immediato alcance para nós. Era uma solução inquestionavelmente util, a que propunha, e que bem merecia a discussão da imprensa e da tribuna!

Todos os trabalhos de Nogueira revelam claramente a sua politica de pensamento e de acção. Se a empresa que tentou, e proseguiu com tamanha coragem, em sua vida nada pôde conquistar no campo dos factos, não foi por ser superior ás forças da sua iniciativa e dos seus principios, mas porque sempre foi mais facil alcançar definir uma doutrina, do que crear com promptidão um partido. Aquellas idéas vinham cedo, ou opportunas? A despeito da como indifferença do presente, diloha o futuro. Toda a idéa, toda a igreja, tem seu tempo de triumpho. Triumpho hade tambem chegar ao que Nogueira missionava, sem ter sido preciso que prematuramente lhe fizessem apothose, e o mettessem n'algum d'esses burlescos pantheons, que ahí se fazem a cada canto, e de que todos pensam poder ser legitimos architectos, ou legitimas estatuas.

Muitos trabalhos que deixa ineditos, corroboram a sua perseverança e assiduidade no estudo e na meditação. Entre elles devemos mencionar especialmente um *Cathecismo democratico*, e muitas investigações para a *Iberia historica*, ou historia da idéa da união politica de Portugal e Hespanha desde os tempos mais remotos. Esta ultima obra era-lhe inspirada pelas suas opiniões. Contemplando-nos povo pequeno e opprimido, conscio e zeloso da nossa dignidade, desejava que procurassemos na federação com os outros povos peninsulares a força, a importancia, a verdadeira independencia que falta á nossa tão escarnecida nacionalidade.

Nogueira estava, porventura, destinado a servir com distincção esta terra. Morreu quando menos devia morrer. O tempo hade acrisolar e fazer sentir o verdadeiro valor d'esta perda. Infelizmente quando o presente ainda o não conhecia bem, é que o espirito desamparou os despojos mortaes do soldado distincto combatente de civilisadoras pelejas. Poucos foram os que se reuniram em torno do sepulchro para choral-o, mas choraram-no de véras, e prestaram grande obsequio, á virtude ainda maior, beijando resignados a mão omnipotente que com aquelle golpe os ferira tambem.

Se a vida é um tecido de mysterios, a morte é o mysterio supremo! José Felix Nogueira repouza temporariamente no mesmo tumulo, ao lado do seu amigo e mestre Silvestre Pinheiro Ferreira! E' a ultima mystica conjugação de dois caracteres exemplares, dignos um do outro, pelo seu grande amor da patria, pela sua abnegação, pela pureza das intenções com que advogaram a causa publica.

Um homem assim não precisa que o marmore lhe eternise a memoria. A sua familia não carece que a auxiliem a lavrar-lhe o tumulo. Mas esse monumento de saudade que lhe é entretanto devido, só mãos d'amigos e correligionarios lh'o devem levantar, modesto mas significativo symbolo d'um grande pensamento.

Agora, que o finado pertence menos a parentes do que ás idéas, e aos amigos das idéas, estas obrigações piedosas, são legado que só a dôr patriótica deve cumprir.

Cumpramol-o! _____ JOSÉ DE TORRES.

Laval — Vista da ponte velha.

Vêdes essa pittoresca reunião de antigos edificios mirando-se nas aguas que lhe banham os alcerces, como se fossem damas casquilhas revendo-se na lisa superficie do espelho? É Laval, cidade do Baixo-Maine, vista do lado em que se estende pelas margens do Mayenne, e onde existiu a que hoje se chama ponte velha.

Esta cidade é capital do districto a que o rio dá o nome. Tem tribunaes de primeira instancia e commercial, e d'aqui se conjectura a sua importancia.

De linho, canhamo, sarjas, estopas, flanelas e algodão, é grande o seu commercio; e os seus pannos de linho, musselinas e lenços, são nomeados em França.

Não lhe faltam tambem o ferro e madeiras em que muito se commerceia. O solo, rico em minas, encerra pedreiras de marmores de diferentes côres, e é este um dos artigos que não menos rende n'aquelle departamento.

D'aqui se conhece como a industria humana, bem dirigida, sabe esquadrihar os seus mais amplos

recursos nas localidades onde a mão de Deus semeou as riquezas da natureza. Oxalá que os exemplos assim aproveitados, induzissem também as nossas populações a não desperdiçar tantos e tão poderosos elementos de riqueza, que possuímos, para os vermos elevar ao par das indústrias que tão poderosamente se desinvolvem nos outros países.

A tarde, entre a murta.

Continuação.

SCENA VI.

AS MESMAS E MARIA.

MARIA.

O que determina v. ex.^a?

SOPHIA.

O meu caleche ao baile; a correr quanto posam os cavallos... já.

CONDESSA.

(Para a criada) Suspenda... Ouça-me, Sophia.

(Sophia vem com passo pouco firme sentar-se no *sophá*; a condessa fica ao seu lado. Maria colloca-se junto ás costas do *sophá*).

MARIA.

Que determina, minha senhora?

SOPHIA.

Quero D. João aqui.

CONDESSA.

Mas... escute-me.

SOPHIA.

(Para a criada com imperio) Maria, eu quero.

CONDESSA.

Mas...

SOPHIA.

Quero... quero... quero...

(Maria sae. Sophia torna a sentar-se no *sophá*).

SCENA VII.

A CONDESSA E SOPHIA.

CONDESSA.

Fiz mal, Sophia... quiz vingar-me de uns zelos que tive no ultimo baile, e da historia das luvas que o luveiro me contou.

SOPHIA.

(Muito aborrecida) Que diz a condessa?

CONDESSA.

As nossas relações estão acabadas, mas escute-me.... fallemos serio, D. Sophia. Isto, que não passa de uma brincadeira, dará que fallar a toda a sociedade; isto, que não foi nada, tornar-se-ha o favorito assumpto dos botequins, será para nós um descredito, levará os nossos nomes por entre nuvens de fumo de charuto, e queimará para sempre a nossa reputação nas labaredas dos espiritos alcoolicos.

SOPHIA.

(Com grande resentimento, e enxugando as lagrimas) Não me importa.

CONDESSA.

Mas se nada d'isto é verdade, senhora D. Sophia! escute-me pelo amor de Deus.

SOPHIA.

(Socegando um pouco, e com dignidade) Diga, condessa, diga a verdade. Como é possível que o retrato de D. João esteja na sua pulseira?...

CONDESSA.

Escute-me. Sabe muito bem que gosto de um homem, e que esse homem não é D. João... (Sophia quer atalhar a condessa) escute-me. O homem que amo pediu-me o meu retrato, e offereceu-me o seu; accitei o d'elle, e recusei entregar-lhe o que me pedia; mas um dia instou tanto...

SOPHIA.

Continue, condessa.

CONDESSA.

Que para logo jurei fazer-lhe a vontade. Lembrou-me então enternecer-me muito, e pedir o retrato de meu marido em troco do meu!... O conde annuiu, e no dia seguinte metti-me n'uma caruagem, e fui tirar o meu retrato ao daguerreotipo. O retratista tirou-me o primeiro que ficou lindo; então puz muitos defeitos no primeiro, mesmo porque queria dois: um dei-lh'o a elle, e o outro ao conde.

SOPHIA.

Mas o que tem tudo isso com o retrato de D. João, condessa?...

CONDESSA.

Eu explico: entre os retratos inutilizados vi esta miniatura; conheci; eu sabia tudo, e disse comigo — coisas de mulheres! — Vou metter uns zelos a D. Sophia. Hesitei depois um pouco, e sabes quem de todo me resolveu a fazer isto?... foi o luveiro, que me contou tudo.

SOPHIA.

Ia-me matando, condessa.

CONDESSA.

E tu insultaste-me muito...

SOPHIA.

Se eu sou doida por D. João!
Continua.

Valor da pratica.

«Exigis, disse um certo dia um fidalgo veneziano a um esculptor abalisado, cincoenta sequins por fazerdes o meu busto, que não vos custou talvez dez dias de trabalho?» — Sim, respondeu o esculptor, assim é; mas v. ex.^a esquece-lhe accrescentar, que empreguei trinta annos de estudo para aprender a fazer este busto em dez dias.

Obituario.

— A Austria acaba de perder dentro em poucos dias tres generaes. Do marechal Radetzky já demos noticia. O general conde de Hoyos que foi commandante da fortaleza de Ancona, falleceu também em Milão, devendo ter logar o seu funeral no dia 13 do corrente. O general Serbelloni foi surpreendido pela morte na sua viagem para o reino Lombardo-Venesiano, onde ia assistir ás exequias do feld-marechal Radetzky.

— Falleceu a bordo da fragata ingleza *Madagascar*, surta no rio de Janeiro, o tenente Rondolph Capel, filho do conde Essex, e ajudante d'ordens do almirante Walles.

— Williams Spencer Cavendish, conde de Devonshire, barão de Cavendish de Hardwick, que nasceu a 21 de Maio de 1790, acaba de fallecer repentinamente no seu palacio de Hardwick-Noll. Diz o jornal *L'Union* que o conde de Burlington é o herdeiro dos seus titulos.

— Em Salzburg (Austria) falleceu o frade capucho Joaquim Haspinger, na idade de 82 annos. Fôra o heroico companheiro de André Hofer na insurreição do Tyrol contra a dominação franceza, em 1809, e n'essa guerra conhecido pelo cognome de Barba-rôxa.

— Morreu em Constantinopola Ali-Effendi, membro do conselho de instrucção publica, e um dos melhores poetas da Turquia.

— Mr. Goulon, o instituidor do primeiro estabelecimento lythographo em Bordeaux, acaba de se finar na mesma cidade.

— Falleceu em Paris, na idade de 66 annos, madame Gautier, autora de excellentes poesias, e que prestou aos *Annaes da litteratura e das artes* activa collaboração.

— Em Lisboa falleceu d'um ataque apoplectico o conselheiro Paulo Midosi, distincto na epoca da emigração constitucional, á qual prestou relevantes serviços.

— O doutor Ignacio Pedro Quintella Emaus, distincto advogado nos auditorios d'esta córte, desceu á sepultura entre as lagrimas dos seus parentes, e dos amigos que presavam suas eximias virtudes.

— José Felix Nogueira, escriptor publico. N'este numero fazemos mais extensa commemoração da sua vida.



Luxuria.